

A EDUCAÇÃO DE MULHERES ENCARCERADAS

“Só devassamos o mistério na medida em que o encontramos no cotidiano”.

Walter Benjamin

Rosilene Amorim dos Anjos¹

Resumo: Este artigo baseia-se numa experiência profissional por nós vivenciada no Presídio Feminino de Florianópolis durante o ano de 2003. Ele revela as múltiplas dificuldades que enfrentamos para proporcionar oportunidades de aprendizagem às dezenas de mulheres que se encontravam presas à espera de julgamento. Entre estas, a principal que desencadeia todas as outras, a inoperância do sistema penitenciário para “resgatar” indivíduos através de uma reeducação. Indivíduos estes que são no presídio feminino, na sua grande maioria, mulheres pobres e de pouca escolaridade, que estão marginalizadas dentro da atual sociedade capitalista.

Palavras Chaves: Mulheres. Presídio. Educação. Marginalização.

Abstract: This article is based on a professional experience in the Women's Prison of Florianopolis during the year 2003. It reveals multiple difficulties that we faced in providing learning opportunities to dozens of women waiting for trial. Among these difficulties, the most important one, which is the source of the others, is the penal system lack of attitude in order to "rescue" individuals through re-education. Individuals who are in jail are mainly poor women with almost no education, who are marginalized in modern capitalist societies.

Key-Words: Women. Prison. Education. Marginalization.

No presídio feminino da Penitenciária de Florianópolis, em 2003, estávamos com uma superlotação de reclusas. O número de mulheres detentas girava em torno de 30 e passou para 70, acima do número que a estrutura física comporta.

São mulheres de várias partes do Brasil, principalmente do interior do Estado de Santa Catarina, além de mulheres paraguaias e também uma italiana. Algumas foram presas juntas, ou por causa de crimes cometidos junto com seus parceiros. Muitas destas pararam os seus estudos porque juntaram-se com um parceiro e sentiam-se com novas obrigações, porém, enquanto estavam sós, conseguiram continuar os estudos.

Fizemos alguns levantamentos, entre eles o nível de escolaridade, antes de iniciarmos o trabalho como educadora de 1^a à 4^a série. Na medida em que fazíamos a entrevista com cada detenta para obtermos dados que nos auxiliariam no conhecimento da realidade com a qual iríamos desenvolver o trabalho, fomos também estimulando-as a

¹ Possui graduação em Pedagogia – Orientação Educacional pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2001) e graduação em Pedagogia – Séries Iniciais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2003). Atualmente é Pedagoga da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

retornarem aos estudos, tentarem a possibilidade de ir se graduando enquanto permanecessem dentro do presídio.

Contudo, observamos num levantamento de dados que havia um número considerável de pessoas que concluíram o Ensino Básico (de 1ª à 4ª série), tendo um número maior de pessoas que tinham parado seus estudos entre a 5ª e 8ª série incompleta. Sendo assim, pela primeira vez, tentamos desenvolver, além do trabalho de alfabetização e o integrado (como denominamos as turmas de 2ª, 3ª e 4ª série, que são trabalhadas num mesmo grupo), o supletivo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Estes níveis tinham, até o momento, inscrições para as provas supletivas realizadas pelo Estado, entrega de alguns materiais quando solicitados pelas detentas e aulões (parecidos com as aulas finais de cursinhos pré-vestibulares) próximos do dia das provas, com professores de área que trabalhavam na Penitenciária, com atenção prioritária aos homens do regime fechado e semi-aberto. Montamos um quadro de dias e horários para atender todas as detentas que disseram estar interessadas em estudar, incluindo aquelas que haviam terminado seus estudos na 5ª série em diante; mas, continuaríamos com uma única professora no presídio feminino. Avistamos, no entanto, em pouco tempo de trabalho, alguns problemas que no cotidiano ficam claros.

No início do ano, já estavam ocorrendo desistências. Algo estava errado, algumas moças desistiram sem mesmo começar as aulas, outras foram desistindo na primeira semana. Investigamos e ficamos sabendo que isto era comum, principalmente no presídio feminino. Observamos uma rotatividade expressiva das detentas, além de uma grande ansiedade à espera do julgamento, que decidiria por uma condenação ou pela liberdade; conseqüentemente, tivemos uma baixa no número de alunas na escola logo após as inscrições. Muitas detentas não se animam a retornar aos estudos, existe a saudade; e para algumas, a preocupação com os filhos não as deixam em paz; esperam com ansiedade sua saída (já que o processo de julgamento é lento); por também não verem mais significado no que a escola oferece para o que precisam no seu cotidiano. Sabemos que a escola trabalha seus conteúdos sem perguntar-se porque os ensina, simplesmente recebe pacotes e os trabalha sem muitas reflexões. Não nos é dada a educação que abre espaço para o pensar e poder mudar, atuar na história que é construída por todos nós, estando consciente de seu papel como personagem que pode fazer diferença, imprimindo qualidade nas variadas cenas, mudando o roteiro. O sistema penitenciário, como dizia Foucault (2003, p.143), “adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais que serve de depósito, atuando como poder disciplinar, adestrando para se apropriar das forças dos

indivíduos” para que estes se incluam numa sociedade de desigualdades, o que nos faria refletir uma nova forma de atendimento educacional ao Presídio Feminino.

Por isso, a educação teria que se fazer presente, mostrar sua existência, conquistar seu espaço, possibilitar uma chance, tentar romper barreiras. Apesar de a ascensão social via escolaridade hoje ser, de certa forma, uma ilusão, é, porém, uma ilusão fecunda. A escola não vai garantir um futuro promissor, porém, potencializa as classes populares para a conquista de uma cidadania ativa, para autonomia, e à busca de direitos igualitários fazendo juz à palavra democracia. Um dos principais motivos que as levou a prisão foi a falta de oportunidade escolar, de encontro com o conhecimento sistematizado (sem desvalorizar outras formas de saber). Segundo Arroyo (2002), a escola, a educação e seu ofício sofrerão sempre as contradições da lógica capitalista. Desejando ver o direito de educação nas mãos daquelas que um dia lhes foi tirado, busquei caminhos.

Os educadores/as devem ser conscientizadores/as para se tornarem semeadores de justiça social, uma vez que conscientizando, estarão dando poder. Quem conhece sabe o que quer e aonde vai, não é manipulado feito marionete. Hoje, no entanto, quantas marionetes existem no Brasil e no mundo? Os números podem falar, mas é a violência, a fome, o desemprego, o aumento de prisões, a política suja que têm gritado mundo afora. Isto é, nada mais, nada menos, a falta de conscientização² de um grande número da população mundial. “A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano.” (FREIRE, 2004, p.15) O acesso à educação é fundamental para haver a alternativa de se alcançar projetos sociais. Esta oportunidade é tirada de várias pessoas, as excluídas, que não consomem, *marginalizadas* (que estão à *margem* do rio, sem ter condições de prosseguir com ele) e portanto, continuarão às margens da sociedade.

O primeiro semestre foi de conquista e estímulos para retornarem ao mundo dos estudos. Já no segundo semestre, após as férias do meio do ano, encontramos novos obstáculos. O presídio feminino agora tinha muitas tarefas: trabalho com peças da Intelbrás, peças de grampo de roupa e a informática. O trabalho com certeza iria beneficiá-las, já que precisam de dinheiro; estes trabalhos estavam explorando uma mão-de-obra barata porque era necessitada, o que não é muito diferente do que ocorre no mundo fora dos muros do presídio.

² **Conscientização:** segundo o dicionário Houaiss, significa “ato ou efeito de conscientizar-se, tomada de consciência da natureza das relações humanas dentro da sociedade em que se vive, da relação explorado/explorador, e de como atuar para modificar essa relação”.

O problema principal, agora, residia no espaço que tinha sido diminuído para a escola: espaço físico e temporal. Além do mais, as religiões que freqüentam o presídio também ocuparam mais um pouco do nosso espaço, só que o espaço físico principal, nossa sala de aula, no período vespertino (período de atendimento das alunas de 5ª a 8ª – maioria). Agora, tínhamos que trabalhar em qualquer canto vago ou no pátio (descoberto). Assim, uma opção foi iniciar atendimento individual. Também, realizamos integração com o grupo de informática. As alunas faziam redações, digitavam e depois íamos para as correções juntas, verificando ortografia, estudando um pouco de gramática e trabalhando questões individuais relacionadas à escrita e à leitura de texto e de mundo. Este trabalho individual foi muito importante, nos possibilitou verificar mais de perto as dificuldades de cada uma. Tentamos transformar os males em benefícios; era a persistência nos fazendo companhia.

Por outro lado, onde ficava a importância que se deveria dar à educação escolar?

Quando conseguíamos estudar em grupos, tínhamos sempre problemas do tipo “Hoje não posso porque é meu dia de limpar a cozinha”, ou, “o quarto.”; “Hoje eu vou para o dentista.”; “A assistente social está chamando a Fulana.”; “A psicóloga quer conversar com a Ciclana.”; “Vou pro encontro íntimo.”. Episódios deste tipo poderiam ser solucionados se antes das alunas serem chamadas para qualquer outra atividade pudesse ser visto o horário de aula para verificar se não estavam em sala naquele momento.

Por isso os instrumentos básicos para trabalhar em um ambiente como o presídio são paciência e perseverança para tentar amenizá-lo de todas as formas possíveis, para que a escola seja atrativa por sua função, seu ambiente físico e sua harmonia e afeto através de quem está por trás deste trabalho de educação. Fizemos então trabalhos que incluíram não só as alunas como outras mulheres detentas, e registrados com anotações e fotos, o que consideramos excelente, já que tínhamos como objetivo manter um número considerável de alunas na escola e atingir por outras formas aquelas que não estavam participando diretamente. Um trabalho muito prazeroso foi a pintura do espaço da sala de aula. A organização deste foi uma das formas que arrumamos para um maior envolvimento, e de fato, acabou se tornando “um cantinho do céu” como elas mesmas diziam. Outras formas foram: um concurso de poesias para o dia das mães; o primeiro jornal feito pelas próprias detentas, cujo título, escolhido em votação por todas, foi VOZES DO SILÊNCIO, já que, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2003: p.98), e, mesmo detidas, deve existir formas de continuarem exercendo cidadania; a criação de uma biblioteca (no início devia existir de 5 a 10 livros e umas enciclopédias bem velhas e sem uso algum, a não ser para os paranhos das aranhas) era o início, e portanto ainda muito

simples, mas já havia revistas, textos atuais, dicionários e livros de literatura. Tivemos a participação de alguns convidados que trabalharam biblioterapia, teatro, aulas de arte e palestras como visitantes. Era a educação sendo construída através dos interesses de alunas, também de outras mulheres, e despertando curiosidade e vontade de conhecer dentro do nosso processo educacional.

O trabalho educacional, realizado no Presídio Feminino de Florianópolis em 2003, foi uma grande experiência. Pudemos sentir de perto algumas “pequenas”³ dificuldades de se fazer educação. Os Complexos Penitenciários, cujo propósito conceitual está em “reeducar” os detentos(as), na verdade têm demonstrado sua incapacidade de atingir a meta. Todavia não é um sistema falido, pois adentra multidões confusas para se apropriar das forças dos indivíduos como diria Foucault, para que estes se incluam numa sociedade de desigualdades. Por isso, são oferecidos dentro do complexo subempregos, algumas vezes, e na maioria, o nada (para que os pensamentos atormentem os corpos presos, mas, com suas mentes ligadas ao sonho de liberdade). É verdade que comida e religião não faltavam, mas “prioridade” à educação... Afinal de contas, educação deve estar intrinsecamente ligada à conscientização.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Rosilene Amorim dos Anjos
E-mail: roangele@yahoo.com.br

Recebido: 05/04/2004
Aprovado: 06/12/2005

³ Não nos referimos à Direção, que também teve suas falhas, mas também auxiliou em pontos importantes. Estamos nos referindo principalmente ao sistema penitenciário como um todo.